

DESESTRUTURAÇÃO E MUDANÇA EM A PAIXÃO SEGUNDO G. H.

Marta Campos

Análise da obra **A Paixão Segundo G. H.**, de Clarice Lispector, mostrando uma mudança quase capital na trajetória ficcional da autora, através da qual a personagem principal aponta para uma fase de reconhecimento do mundo e de auto-reconhecimento no mundo e onde o engajamento pela transformação das estruturas sociais se faz quase que imediatamente necessário. A mudança, contudo, não chega a realizar-se totalmente, porque a Paixão não está totalmente livre do jargão existencializado da fase anterior da escritora. No entanto, um passo à frente é dado, desde que, como a narrativa termina em aberto, um campo muito mais vasto de possibilidades se oferece ao leitor para que este assim imagine a continuação da trajetória ficcional do herói e da própria Clarice.

Já se disse d'*A Paixão Segundo G. H.* que ela inaugura uma segunda fase de trajetória ficcional de Clarice Lispector (1), analisando-a quanto à sistematização de suas personagens. A análise de Guimarães Hill a inclui na fase de *deseroi-zação* das personagens, da qual também faz parte *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*. À etapa anterior, a de *heroí-zação*, pertenceriam as obras anteriores de Clarice, desde seu

(1) — Apud. RÔNAI, Paulo. **Seleta de Clarice Lispector**. 2. ed., Rio, J. Olympio, 1976. Referimo-nos ao ensaio de Amariles Guimarães Hill, intitulado "A experiência de existir narrando", incluído nesta obra.

primeiro romance até *A Maçã no Escuro*. “Corresponde (a primeira etapa), diz o analista, a investigação de um existente em busca do seu lugar no mundo. O mundo a que o herói chega já está organizado, acredita-se perfeito, não admitindo interferência. (...) Quem vem ao mundo tem de aceitá-lo como é e está, desconhecer a liberdade ou abdicar dela, se a traz consigo. Isto significa que a existência nasce no paradoxo: conhecer é o exercício fundamental do ser existente, sendo, ao mesmo tempo, a proibição máxima, desde a criação do mundo. Transgredir é assumir a liberdade e arcar com a repressão desencadeada do sistema”. (2) Caracterizam o herói nesta fase o orgulho e a agressividade, necessários para que encontre seu lugar no mundo. A transgressão da Lei através do ato é a arma de que se serve para investir contra o sistema, daí a “vocaçào do orgulho e da posse”, de que fala o autor, chegada ao limite máximo em Martim. Se nesta etapa a posse da linguagem é “meio de se assenhorear” da coisa em busca de assegurar a liberdade ameaçada pelo sistema, na fase seguinte é a própria linguagem que se revela como o espaço da descoberta do mundo e do lugar do ser no mundo. A posse dá lugar aí ao desejo de integração.

A aceitarmos as palavras do ensaísta, perguntamos: o que significa tal mudança do ponto de vista da narrativa? Ou melhor, como se expressaria a mudança do herói na estruturação da narrativa e levando em conta também a estruturação da linguagem n’*A Paixão*? Buscando um maior aprofundamento da questão, reportamo-nos à contradição apontada por Luiz Costa Lima, quando se refere às obras anteriores de Clarice Lispector: ao fundo de uma linguagem originalíssima, o analista capta o velho mal romântico, sob a capa de um jargão existencializado. “A contradição, assinala este autor, era decorrente de que a trajetória do personagem tocado pelo imprevisto não ultrapassava seus termos individuais, não convocava uma articulação da rede complexa de fatos e dilemas que apresenta ou possibilita a realidade. Dava-se em suma uma tal rarefação desta que

(2) — Op. cit., p. 144.

ou ela cabia no que restava de concreto — a ótica e o dilema do personagem — ou, ao ser trazida para além deste, tornava-se falsa. (...) A realidade parecia ter recebido uma impositação inadequada para se adaptar àquela voz dela tão longínqua” (3). O que desejamos demonstrar em nossa análise é que a contradição referida será, em grande parte, pelo menos, resolvida nesta obra. E só nos arriscamos a afirmar “em parte”, porque *A Paixão* não abandonará de todo o jargão existencializado, nem a personagem se decidirá a reconhecer-se socialmente no mundo ou muito menos a engajar-se na luta pela transformação das estruturas. Longe está ainda desta última hipótese. No entanto, é necessário reconhecer uma mudança de consciência em G.H., comparando-a com os personagens anteriores de Clarice. A porta, talvez, do labirinto individual e existencialista em que todos os outros viviam a tragédia de sua existência. Aqui, um passo fundamental, que marca a trajetória ficcional da autora, é dado pela personagem G.H., através da aceitação da condição humana, dos limites, das necessidades, dos defeitos, das contradições do homem. A partir daí, um campo muito mais vasto de possibilidades se abre ao leitor para que este imagine a continuação da trajetória da personagem, pois a narrativa termina em aberto.

Foi para esta mudança de percepção do mundo e do lugar de homem no mundo que tentamos chamar atenção em nosso trabalho, intitulado-o “desestruturação e mudança”. Não pretendemos aqui separar os dois processos, como se se dessem em dois diferentes momentos, pois do início ao final do livro dão-se as duas coisas simultaneamente, uma levando a outra, uma decorrendo da outra. Desestruturação de todo um sistema de pensamento individual, acarretando, em cada ponto particular desse sistema, uma mudança de ponto de vista, que articula, por sua vez, uma nova organização mental de dados específicos do ideológico (*). Será necessá-

(3) — LIMA, Luiz Costa. **Por que literatura**. Petrópolis, Vozes, 1969. p. 99-100.

(*) — Para que não haja confusão no entendimento desta passagem, explicamos melhor: o que queremos dizer não é que a personagem tenha se desligado de sua ideologia, mas que a desestruturação

rio percorrermos toda a trajetória de G. H. para compreendermos como se realiza a transformação da personagem. Caminhemos, pois, passo a passo, ao lado de G. H., observando as mudanças sutis que vão acontecendo cada vez que ela mergulha mais fundo em si mesma, buscando uma linguagem eficaz para o seu silêncio. Observemos como a dificuldade em adquirir esta linguagem se traduz, não raro, em contradições filosóficas e como essas contradições conseguem, após todo o esforço da personagem, desembocar para uma via de lucidez maior, graças ao desaparecimento da rebeldia inicial por um processo de racionalização, embora através da via mística, dos sentimentos e emoções, que, por sua vez, a leva ao desmascaramento do real (“desilusão”).

A ação é interior e decorre quando G. H. se encontra no quarto de empregada do seu luxuoso apartamento. Na véspera, a empregada despedira-se e G.H. resolvera então entrar no quarto para limpá-lo. Ao deparar com um mural na parede, no qual haviam sido desenhadas três figuras — um homem, uma mulher e um cachorro —, a personagem reconhece o isolamento em que vivia e a necessidade de formular a questão: quem sou eu? Inicia-se, assim, um processo de desorganização mental em que há o reconhecimento de se viver num ilusório, construído de imagens exteriores, onde todos se empenham em cumprir determinado papel. A vida não é sentida nem vivida por um sentido próprio, com um ideal profundo. Os indivíduos que compõem o mundo da personagem pertencem à mesma burguesia que se importa com a “realização pessoal” sobretudo, deixando de lado o abismo interior que essa realização pode conter. Algumas passagens do livro exemplificam as afirmações acima:

“É suficiente ver no couro de minhas valises as iniciais G. H., e eis-me. Também dos outros eu

ocorrida em seu universo mental concorreu para ajudá-la a tomar conhecimento de seu próprio universo ideológico, de torná-lo consciente a si mesma, quando nada, num esforço de racionalização, o que não faz desse universo, frisamos, menos ideológico.

não exigia mais do que a primeira cobertura das iniciais dos nomes. Além do mais, a “psicologia” nunca me interessou. O olhar psicológico me impacientava e me impacienta; é um instrumento que só transpassa. Acho que desde a adolescência eu havia saído do estado do psicológico.” (4)

“A espirituosa elegância de minha casa vem de que tudo aqui está entre aspas.” (p. 30). (...) “Quanto a mim mesma, sempre conservei uma aspa à esquerda e outra à direita de mim. De algum modo, ‘como se não fosse eu’, era mais amplo do que se fosse — uma vida inexistente me possuía toda e me ocupava como uma invenção”. (p. 30) (...) “Eu era a imagem do que eu não era” (p. 31).

“Em torno de mim espalho tranqüilidade que vem de se chegar a um grau de realização a ponto de ser G. H. até nas valises. (...) Ajo como o que se chama de pessoa realizada.”

Podemos, para melhor compreensão destes dois momentos, o anterior, da ilusão, e o atual, de desilusão, de tomada de posição, construir um quadro que sirva para compará-los e contrapor um ao outro. Chamaremos de M1 ao primeiro e M2 ao segundo. Eis o quadro:

- M1: — mundo organizado;
— segurança (“tripé”);
— montagem humana ordenada;
— garantia, certeza;
— ilusão;
— sensação de pertença a um sistema construído;
— certeza do destino;
— preexistência de “verdades”;
— universo harmônico;

(4) — LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H.** Rio, Ed. do Autor, 1964, p. 24.

- delimitação de um quadro de previsões para o futuro;
- desconhecimento do outro;
- projeção do eu sobre o outro;
- necessidade de organizar a vida interior, mesmo sem compreendê-la;
- humanismo.

- M2:**
- universo mental desorganizado;
 - insegurança (falta de uma perna);
 - desmontagem humana;
 - incerteza;
 - desmascaramento do sistema particular construído;
 - incerteza do destino (probabilidade);
 - destruição das “verdades”;
 - universo desarmado;
 - não antecipação do futuro (o desconhecido);
 - aparecimento da problemática da alteridade;
 - projeção do eu sobre o outro é substituída por um estranhamento do outro (interesse);
 - incompreensão da desordem mental assumida;
 - ausência de humanismo.

A partir de M2, terá início a metamorfose espiritual de G.H.. O discurso, através da linguagem, ganhará elementos do existencialismo cristão, podendo ser explicada a trajetória da personagem através das imagens da queda e da claridade, do horror e da salvação. A revolução a que a personagem se impõe pretende desorganizar o que há de mais fundo no homem, para radicar dele todo o “mal”. Só assim é possível alcançar o seu *princípio interior*, a natureza e a graça. O homem autêntico tem que ser “si mesmo” e para isso deve assumir a sua liberdade e a sua existência, para poder afirmar-se como pessoa e “salvar-se”. Novamente, tentamos refazer o caminho tomado por G.H., deixando de lado suas retificações, a não ser quando indiquem uma possível mudança do rumo tomado.

A barata é o elemento no qual G.H. identifica sua parte “suja”, ao mesmo tempo que nela reconhece a sua ancestra-

lidade e o elo de ligação do homem com as outras espécies animais:

“Era isso — era isso então. É que eu olhara a barata viva e nela descobria a identidade de minha vida mais profunda. Em derrocada difícil, abriam-se dentro de mim passagens duras e estreitas.”

“Toda uma vida de atenção — há quinze séculos eu não lutava, há 15 séculos eu não matava, há 15 séculos eu não morria — toda uma vida de atenção acuada reunia-se agora em mim e batia como um sino mudo cujas vibrações eu não precisava ouvir, eu as reconhecia. Como se pela primeira vez enfim eu estivesse ao nível da Natureza. (...) Até então eu nunca fora dona de meus poderes — poderes que eu não entendia nem queria entender, mas a vida em mim havia retido para que um dia enfim desabrochasse essa matéria desconhecida e feliz e inconsciente que era finalmente: eu-eu, o que quer que seja” (p. 53).

Na trajetória de busca às origens, G. H. cria um personagem irreal para não se sentir sozinha, ao mesmo tempo que destrói a barreira entre a criação e a realidade: “Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade” (p. 19). Durante todo o desenrolar da narrativa, o problema da linguagem e do silêncio é questionado pela personagem. Podemos afirmar até que a luta de G. H. para atingir a natureza humana é a luta pela linguagem, contra a palavra. Contra a palavra viciada, deformadora dos sentidos das coisas, limitadora. A princípio, a consciência do imundo dá a G. H. a experiência do calar. Calar que não é o silêncio, mas o grito abafado, que pede liberdade no coração de todos os homens. Calar o grito que a ideologia reprimiu, pois “um primeiro grito desencadeia todos os outros, o primeiro grito ao nascer desencadeia uma vida” (p. 63), “acordaria milhares de seres gritantes que iniciariam pelos telhados um coro de gritos e horror” (p. 63). G. H. tem consciência de que o louco é ape-

nas aquele que grita, talvez por todos os outros: "Se eu der o grito de alarme de estar viva, em mudez e dureza me arrastarão pois arrastam os que saem para fora do mundo possível, o ser excepcional é arrastado, o ser gritante" (p. 63). Depois, quando a relação imaginária com o animal passa a ser o de reconhecer o outro e o desejo de mergulhar em seu "dentro", a questão da linguagem se desloca também do calar para o reconhecimento de um silêncio potencial na raiz de todas as coisas, silêncio cuja realidade é "tão violenta que nega qualquer possibilidade de expressão", como explica o autor de *A Metamorfose do Silêncio* (5).

Neste ponto, a personagem recusa qualquer possibilidade de experiência transcendental do outro e se decide a vivê-lo dentro de seus próprios limites: "Reza por mim, minha mãe, pois não transcender é um sacrifício, e transcender era antigamente meu esforço humano de salvação, havia uma utilidade imediata em transcender. Transcender é uma transgressão. Mas ficar dentro do que é, isso exige que eu não tenha medo. E vou ter que ficar dentro do que é" (p. 82-83). Abre-se um questionamento entre o mundo real e o mundo construído pela linguagem, assinalando-se a distância entre os dois: "Eu, que antes vivera de palavras de caridade ou orgulho ou de qualquer coisa. Mas que abismo entre a palavra e o que ela tentava, que abismo entre a palavra amor e o amor que não tem sequer sentido humano — porque — porque amor é a matéria viva" (p. 67). Ressalta ainda o problema da experiência vivida e da necessidade humana de nomeá-la, o lado castrador da linguagem: "Não vou fazer nada por ti porque não sei mais o sentido de amor como antes eu pensava que sabia. Também do que eu pensava sobre amor, também disso estou me despedindo, já quase não sei mais o que é, já não me lembro."

"Talvez eu ache um outro nome, tão mais cruel a princípio, e tão mais ele-mesmo. Ou talvez não ache. Amor é quando não se dá nome à identidade das coisas?" (p. 87).

(5) — LIMA, Luiz Costa. *A Metamorfose do silêncio*. Rio, Eldorado, 1974. p. 124.

Esta identidade das coisas — o “neuro” o “atona”, o “inexpressivo”, o “não-clímax” — vai ser intensamente buscada pela personagem, em seu desejo de viver a profundidade da Natureza. Para isso, o caminho é o da passagem pelo erro, pela perdição, pelo inferno. O homem possui a liberdade de realizar-se no mundo, ao contrário das outras espécies, que apenas cumprem indiferenciadamente seu ritual biológico. Mas para conseguir viver o seu humano, o homem tem que passar pela experiência da provação. O conceito heideggeriano de culpa cabe nas reflexões existencialistas de G.H.. Para libertar-se dessa consciência culpada, convém receber a punição. Em várias passagens do monólogo interior da personagem são utilizadas as imagens da teologia cristã já mencionadas; o jogo dialético do perder/achar-se, da dor/gozo, do riso/lágrimas indicam que toda experiência válida compreende dois lados contrários: o erro e a verdade:

“Meu erro, no entanto, devia ser o caminho de uma verdade: pois só quando erro é que saio do que conheço e do que entendo. Se a “verdade” fosse aquilo que posso entender — terminaria sendo apenas uma verdade pequena, do meu tamanho. A verdade tem que estar exatamente no que não poderei jamais compreender” (p. 109-110). “O erro é um dos meus modos fatais de trabalho” (p. 112).

Relação Deus/demônio: bem/mal:

“Se a pessoa tiver coragem de largar os sentimentos, descobre a ampla vida de um silêncio extremamente ocupado, o mesmo que existe na barata, o mesmo nos astros, o mesmo em si próprio — o demoníaco é antes do humano. E se a pessoa vê essa atualidade, ela se queima como se visse Deus. A vida pré-humana divina é uma atualidade que queima” (p. 100-101).

“Eu sei, sei com horror: gozam-se as coisas. Frui-se a coisa de que são feitas as coisas — esta é a alegria crua da magia negra” (p. 102).

Idéia da tentação que leva ao recebimento do castigo:

“A tentação do prazer. A tentação é comer direto na fonte. A tentação é comer direto na lei. E o castigo é não querer mais parar de comer, e comer-se a si próprio que sou matéria igualmente comível” (p. 128).

“Provação. Agora entendo o que é provação. Provação: significa que a vida está me provando. Mas provação: significa que eu também estou provando. E provar pode se transformar numa sede cada vez mais insaciável” (p. 131).

“Pois no inferno fazemos o regozijo supremo do que seria a punição, da punição fazemos neste deserto mais um êxtase de riso com lágrimas, da punição fazemos no inferno uma esperança de gozo” (p. 122).

Sobre o “neutro” das coisas:

“Eu estava atingindo o que havia procurado a vida toda: aquilo que é a identidade mais última e que eu havia chamado de inexpressivo” (p. 133-134).

O questionamento sobre os valores estéticos acompanha também o desenrolar deste último ponto:

“Quando eu devia ter vivido presa para sentir-me agora mais livre somente por não recear mais a falta de estética... (...) Por enquanto, o primeiro prazer tímido que estou tendo é o de constatar que perdi o medo do feio.”

“(…) quando a arte é boa é porque tocou no inexpressivo, a pior arte é a expressiva, aquela que transgride o pedaço de ferro e o pedaço de vidro, e o sorriso, e o grito” (p. 144).

A procura da identidade das coisas extrapola os limites da natureza humana simplesmente e se desloca para um questionamento de Deus. G.H. concebe um Deus humanizado, muito mais próximo por isso das criaturas humanas, nem melhor nem pior que elas. Um Deus que se adequa às necessidades de cada pessoa, à carência que cada um tem dele:

“Se só sabemos muito pouco de Deus, é porque precisamos pouco: só temos Dele o que fatalmente nos basta, só temos de Deus o que cabe em nós. (A nostalgia não é do Deus que nos falta, é a nostalgia de nós mesmos que não somos bastante; sentimos falta de nossa grandeza impossível — minha atualidade inalcançável é o meu paraíso perdido). (...) Quanto mais precisarmos, mais Deus existe. Quanto mais pudermos, mais Deus teremos” (p. 151).

“Ele queria minha divindade humana, e isso tivera que começar por um despojamento inicial do humano construído. E eu dera o primeiro passo: pois pelo menos eu já sabia que ser um humano é uma sensibilização, um orgasmo da natureza” (p. 127).

Não podemos passar adiante, porém, sem dizer algumas palavras sobre esta natureza humana a que nos referimos e toda a questão sobre o “humano” que se desenvolve no livro. Em sua trajetória em busca da origem das coisas, G.H. nega esta qualidade idealizada do “humano”, ligando-a à questão moral do “dever ser”. Ora, G.H. deseja libertar-se de todo o moralismo que estabelece para o homem um alvo de perfeição a atingir. Portanto, nada mais lógico que a personagem recuse esta humanidade, vendo nela uma mentira ou, quando muito, um ideal inalcançável:

“Seria simplório pensar que o problema moral em relação aos outros consiste em agir como se deveria agir, e o problema moral consigo mesmo é conseguir sentir o que se deveria sentir? Sou moral

à medida que faço o que devo, e sinto como deveria? De repente a questão moral me parecia não apenas esmagadora como extremamente mesquinha. O problema moral, para que nos ajustássemos a ele, deveria ser simultaneamente menos exigente e maior. Pois como ideal é ao mesmo tempo pequeno e inatingível. Pequeno, se se atinge; inatingível, porque nem ao menos se atinge” (p. 86-87).

“— Mas é que tornar-se humano pode se transformar em ideal, e sufocar-se de acréscimos... Ser humano não deveria ser um ideal para o homem que é fatalmente humano, ser humano tem que ser o modo como eu, coisa viva, obedecendo por liberdade ao caminho do que é vivo, sou humana” (p. 123).

“Quero o material das coisas. A humanidade está enopada de humanização, como se fosse preciso: e essa falsa humanização impede o homem e impede a sua humanidade. Existe uma coisa que é mais ampla, mais surda, mais funda, menos boa, menos ruim, menos bonita. Embora também essa coisa corra o perigo de, em nossas mãos grossas, vir a se transformar em “pureza”, nossas mãos que são grossas e cheias de palavras” (p. 158-159).

A própria linguagem utilizada na última passagem — “mãos cheias de palavras” — significa exatamente o distanciamento que a personagem deseja estabelecer entre o abstracionismo moralista (ou moralismo abstrato) das doutrinas personalistas que à pessoa atribuem um universo de “beleza espiritual” idealizado e o seu humanismo: a imagem em si constitui uma idéia próxima do “pensar em atos” das filosofias engajadas. Deixemos as reflexões para depois do próximo passo que se anuncia.

A experiência da provação atinge o seu auge quando G. H. come da massa branca da barata. Foi seu último ato de transgressão da Lei, pois daí até o fim da narrativa observamos o resultado da modificação que aos poucos vinha se

processando em sua percepção de mundo, em sua consciência. G. H. reconhece então que nem no momento de provar da massa da barata deixara de ser transcendental e se abre para a idéia da troca com os seres da mesma espécie. "Mas a vida é dividida em qualidades e espécies, e a lei é que a barata só será amada e comida por outra barata; e que uma mulher, na hora do amor por um homem, essa mulher está vivendo a sua própria espécie" (p.). A revolução interior, que até então se fizera em termos unicamente individuais, afigura-se agora como o trampolim de encontro com o outro. Trampolim necessário, no entanto, como diz a própria personagem: "Em matéria de viver, nunca se pode chegar antes. A via-crucis não é um descaminho, é a passagem única, não se chega senão através dela e com ela" (p. 178). E completamos: necessário sobretudo para quem dispõe de ócio, de condições materiais e disponibilidade para enveredar pelo caminho da revolução espiritual antes da econômica e política. O trampolim, felizmente, necessário ou não, é atravessado. G. H. procura, agora, e por ele envereda, o caminho da despersonalização, da deseroização. Não mais um impersonalismo abstrato o que procura atingir, mas o excesso de individualismo egoísta de que procura se descartar. Reconhece os limites da condição humana; ser sozinha não mais lhe é suficiente e se deixa *precisar*: "Ah, precisar não isola a pessoa, a coisa precisa da coisa: basta ver o pinto ardando para ver que seu destino será aquilo que a carência fizer dele, seu destino é juntar-se como gotas de mercúrio a outras gotas de mercúrio, mesmo que, como cada gota de mercúrio, ele tenha em si próprio uma existência toda completa e redonda" (p. 172). Na linguagem, um passo também é dado: o silêncio das coisas não é mais sentido com revolta pela consciência de não poder exprimi-lo em código. Agora, a necessidade de comunicação faz a personagem ver a linguagem não mais como um simples fracasso, mas como a tentativa válida de se exprimir o indizível. É necessário entrar em contato com o mundo, conhecê-lo, e isso só é possível por meio da linguagem: "A linguagem é o meu esforço humano. Por destino

tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas — volto com o indizível.” E a narrativa termina em aberto, fazendo-nos imaginar que rumo poderia tomar a trajetória de G1. H. O enraizamento na práxis ou a fuga para o ilusório interminável? Ao que nos parece, a “voz longínqua” da realidade, a que nos referimos no início deste trabalho, se faz ouvir n’a paixão de G.H. mais próxima de nós. No entanto, como também já frisamos anteriormente, a mudança na consciência da personagem não chega a ser tão forte que a possamos considerar como causadora de um corte na trajetória ficcional de Clarice Lispector. O próprio fato de o personagem ser o único no livro já é significativo, se o relacionarmos com a maneira como é utilizado pela autora. Não descartamos a possibilidade de que uma leitura mais minuciosa da obra pudesse assinalar com mais profundidade, e discuti-las, as contradições filosóficas a que apenas de passagem aludimos. Seria mais um meio de provarmos que, mesmo neste livro, a mística de Clarice Lispector não se apresenta tão “ao revés”, como seria desejável. No máximo, a autora conseguiu sair da mística totalmente idealizante e ir em busca de um entre-lugar, entre esta e longe ainda do compromisso. Por isto, se haveremos de resumir em poucas palavras o que significa para nós *A Paixão segundo G. H.* em relação à produção anterior de Clarice, diremos que ele é uma “experiência incompleta”, utilizando as mesmas palavras do crítico Álvaro Lins sobre o primeiro livro aparecido da escritora, porém tomando-as em sentido diferente ao empregado naquele ensaio (6). Ao mesmo

(6) — O ensaio a que nos referimos tem este título: “Clarice Lispector, uma experiência incompleta”. Destacamos a seguinte passagem: “Há neste livro (**Perto do coração selvagem**), além da experiência que representa, dois aspectos a fixar: a personalidade de sua autora e a realidade da sua obra. Li o romance duas vezes, e ao terminar só havia uma impressão: a de que ele não estava realizado, e de que estava incompleta e inacabada a sua estrutura como obra de ficção.

Um romance em si mesmo deve ser visto como obra independente, esquecidas no momento todas as circunstâncias. Ora, neste caso, acima do próprio romance, o que mais se destaca no livro é a personalidade de sua autora.” (Apud BRASIL, Assis. **Clarice Lispector**. Rio, Org. Simões, ed., 1969. p. 107). Concordamos com Cosa

tempo, nos perguntamos se chamar o livro de "experiência incompleta" não será exigir do autor que satisfaça inteiramente à nossa própria ideologia. O melhor, portanto, é deixar que ele próprio fale sua ideologia e procurar compreendê-lo. Se nele o personagem não chega a dar o passo que tornaria para nós completa a experiência da autora, pelo menos dá um passo à frente da via mística, alcançando uma porta de saída que não se abre para a ortodoxia pura e simplesmente, mas oferece ao leitor vários caminhos, várias escolhas. A ortodoxia seria, talvez, o caminho mais fácil.

Lima quando este considera que a distinção personagem/criador não faz sentido em se tratando da obra em questão (**A paixão segundo G. H.**), pois os dois termos, embora mantendo sua individualidade, compartilham da mesma problemática do imaginário, vivida de um lado pela personagem, em sua existência, da outra pela autora, na tessitura do livro.